

Leonardo Lemos da Silveira Santos

Universidade Federal de Juiz de Fora

(UFJF, Brasil)

leonardo.lemos@uol.com.br

GROUNDING THEORY E NARRATIVAS DAS PRÁTICAS: UM POSSÍVEL CAMINHO METODOLÓGICO PARA O ESTUDO DA ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA SOCIAL

GROUNDING THEORY AND NARRATIVE PRACTICES: A POSSIBLE METHODOLOGICAL WAY FOR STRATEGY STUDY AS A SOCIAL PRACTICE

RESUMO

A despeito do crescimento e, de certo grau de consolidação já conquistado, a perspectiva da estratégia como prática ainda carece de uma discussão mais aprofundada acerca dos procedimentos metodológicos que ela requer. Como (re) fazer da prática o aspecto central da pesquisa em estratégia é uma questão ainda em aberto e que merece um pouco mais de atenção por parte dos pesquisadores. Ao que parece, é mais fácil discorrer sobre o assunto do que realizar um estudo de campo, que nos permita apreender aquilo que os estrategistas fazem no seu dia-a-dia. Menos do que descrever uma metodologia única capaz de resolver esse problema, o que pretendemos aqui é discutir a possibilidade da utilização de uma abordagem de pesquisa que combine o uso da *grounded theory* e das narrativas de práticas para investigações sobre a estratégia como prática. Partindo dessa articulação, acreditamos que os pesquisadores poderão compreender melhor as atividades estratégicas que os praticantes desenvolvem no cotidiano das organizações.

Palavras-chave: *Grounded theory*, Análise de Narrativas, Estratégia como prática

ABSTRACT

In spite of the growth, and of some degree of consolidation already achieved, the perspective of strategy as a practice still lacks a more in-depth discussion about the methodological procedures that it requires. How to (re) make the practice the central aspect of strategy research is still an open question and deserves a little more attention from the researchers. It seems that it is easier to talk about the subject than to conduct a field study, which allows us to grasp what strategists do in their daily lives. Rather than describing a unique methodology that solves this problem, what we want to do here is to discuss the possibility of using a research approach that combines the use of grounded theory and practice narratives for strategy research as a practice. Starting from this articulation, we believe that the researchers will be able to understand better the strategic activities that the practitioners develop in the daily life of the organizations.

Keywords: *Grounded theory*, Narrative analysis, Strategy-as-practice

Universidade Federal do Espírito Santo

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras
29.075-910, Vitória-ES
gestão.conexoes@gmail.com
gestaoconexoes@ccje.ufes.br
<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em Administração
(PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 26/09/2016
Aceito em: 12/03/2017
Publicado em: 11/06/2018

1. INTRODUÇÃO

Os pesquisadores sociais parecem ter se especializado tanto em desenvolver um raciocínio sistemático, lógico, racional, cuidadosamente articulado e coerente com teorias/categorias pré-concebidas, que se distanciaram dos praticantes e passaram analisar contextos específicos a partir de suposições a priori, muitas delas, descoladas de uma determinada realidade específica. No campo organizacional e, mais especificamente na área da estratégia, isso tem levado a concepção de modelos analíticos e aplicação de metodologias inadequadas, que refletem muito mais a lógica de pensar dos pesquisadores do que buscam representar a prática cotidiana dos estrategistas. Com a insatisfação, tanto do meio acadêmico quanto dos praticantes, com as abordagens tradicionais de estratégia, há o surgimento daquilo que ficou conhecido como perspectiva da Estratégia como Prática Social (EPS).

Os recentes desenvolvimentos da EPS (WHITTINGTON, 1996, 2002, 2003, 2004; GHERARDI, 2000; HENDRY, 2000; JARZABKOWSKI, 2002, 2003, 2004, 2005; HENDRY; SEIDL, 2003; ROULEAU, 2005; SAMRA-FREDERICKS, 2005; Denis; Langley; ROULEAU, 2007) possibilitaram a conquista de um certo grau de consolidação da abordagem. Porém, há uma carência de reflexões acerca dos procedimentos metodológicos que tal perspectiva demanda. Ao que parece, é mais fácil discorrer sobre o tema, do que realizar um estudo de campo que nos permita apreender aquilo que os estrategistas fazem no seu dia-a-dia.

Responder a questão sobre como tornar os estudos acadêmicos em estratégia relevantes para a prática requer a inversão da pergunta para que pensemos em como tornar a prática relevante para os estudos acadêmicos em estratégia. Mais do que um simples jogo de palavras, esta ideia expressa a crença de que não podemos construir uma teoria que sirva para “iluminar” o dia-a-dia dos estrategistas, sem que (re)tomemos como unidade de análise a prática na qual eles se engajam. Quanto mais aprendermos sobre o que os estrategistas fazem enquanto estrategizam, maior será a nossa chance de entender o que, afinal, é estratégia (WHITTINGTON, 2003). O desafio está em ir além do que as pessoas dizem que fazem (ou do que deveriam fazer), para desvendar o que/onde/como/quando elas fazem a estratégia.

Passado o primeiro momento, em que ensaios teóricos geralmente predominam, é tempo de ir a campo. No entanto, nos perguntamos: como ir ao campo? Como apreender as experiências vividas pelos praticantes? O maior problema refere-se, fundamentalmente, à operacionalização dos estudos, no que concerne ao tempo de permanência no campo, de acesso ao objeto de investigação e, principalmente, aos momentos do estrategizar. Todavia, a proliferação do pluralismo teórico-metodológico reduziu algumas barreiras que antes

dificultavam a conversação entre diferentes, porém complementarem, lentes de análise e métodos de pesquisa. Nesse sentido, menos do que estabelecer um caminho metodológico “rígido”, o presente artigo pretende apresentar a articulação da *Grounded Theory* com as Narrativas de Práticas como uma opção para a pesquisa da estratégia como uma prática.

Além desta introdução, no próximo tópico abordaremos alguns dos principais fundamentos da *grounded theory*. Na sequência, trataremos das narrativas como um meio de acessar dados relevantes sobre as atividades dos atores em seus espaços sociais. Em seguida, faremos uma discussão de como a combinação da *grounded theory* e as narrativas de práticas podem ser úteis para o estudo da estratégia como uma prática social. E por fim, encontram-se as considerações finais.

2. A GROUNDED THEORY E A CONSTRUÇÃO DE TEORIA

A *grounded theory* é uma metodologia de pesquisa que tem suas origens nos trabalhos dos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss. Ela surgiu como uma reação, e se apresentou como uma alternativa, à hegemonia da lógica hipotético-dedutiva dos trabalhos de orientação positivista nos estudos sociológicos (SUDDABY, 2006; CHARMAZ, 2006). De maneira geral, o objetivo principal de Glaser e Strauss (1967) era desenvolver uma metodologia, ou um estilo de se fazer pesquisa, que fosse capaz de preencher o espaço existente entre as pesquisas empíricas “teoricamente desinformadas” e as teorias “empiricamente desinformadas” que predominavam nas ciências sociais daquela época. Estes autores desafiaram suposições, tidas como certas, de que o propósito da pesquisa social seria descobrir explicações universais para os fenômenos, colocando em xeque assim a noção de “meta teorias” (SUDDABY, 2006).

O processo de pesquisa, com base *grounded theory*, ajuda o pesquisador a construir gradualmente uma teoria, partindo do nível “concreto” e descritivo dos dados, até chegar a um nível mais abstrato e analítico/conceitual, em que são estabelecidas categorias teóricas e suas inter-relações (GOULDING, 2002). A *grounded theory* serve como um meio para aprender sobre o objeto de interesse e um método para desenvolver teorias que nos permitam entendê-lo, considerando que “nós somos parte do mundo que estudamos e dos dados que geramos” (CHARMAZ, 2006). A teoria construída precisa se fundamentar em experiências vividas dos atores, mas não pode simplesmente replicá-las. Precisa manter uma conexão clara e direta com os dados dos quais se originou, mas não deve se limitar à simples descrição das histórias contadas. Para lidar com isso, ao longo de todo o processo de desenvolvimento, as interpretações feitas pelo pesquisador precisam ser apresentadas aos informantes e discutidas com eles para assegurar que estejam representando o fenômeno de interesse experimentado pelos praticantes (GOULDING, 1998).

O foco da *grounded theory* está, portanto, não nos testes de hipóteses, mas em gerar categorias relevantes e desenvolver proposições acerca dos seus relacionamentos, a partir da investigação de como os atores agem, interagem e se engajam em situações/processos sociais específicos. Neste sentido, Glaser e Strauss (1967) procuraram conceber um método de pesquisa em que o pesquisador, ao invés de “forçar” pressuposições ou categorias/conceitos teóricos pré-existentes, ou seja, de tomar a teoria como ponto de partida, deveria procurar conceber uma teoria fundamentada em dados representativos da “realidade” dos sujeitos estudados, pois “se o pesquisador estiver muito comprometido com uma teoria pré-definida em particular, ele pode se tornar doutrinário e pode não conseguir enxergar além dos limites do arcabouço teórico que escolheu” (Glaser e Strauss, 1967: 46).

De maneira específica, essa ligação íntima com o “mundo real” e essa referência direta à prática dos indivíduos é que faz da *grounded theory* um método bastante atraente e adequado para pesquisas interessadas nas práticas organizacionais e, principalmente, no processo de estrategizar. De acordo com Charmaz (2006, p. 46), “[...] nosso interesse está em saber o que acontece na vida das pessoas (...) em entender os pontos de vista, as situações e as ações delas dentro de um contexto, de um cenário específico”.

Desta forma, optar pela *grounded theory* implica em reconhecer coleta de dados, a sua análise, a formulação e a validação da teoria como elementos indissociáveis do processo de pesquisa social. A teoria vai sendo desenvolvida durante e ao longo do processo de pesquisa e emerge como um produto da interação contínua entre análise e coleta de dados (GOULDING, 2002). Vale ressaltar nesse ponto, que o processo de codificação na *grounded theory* difere da lógica quantitativa que parte de categorias (ou códigos) pré-concebidas. Os códigos são criados com base naquilo que o pesquisador visualiza nos dados, construindo sentidos a partir de uma espécie de interação entre pesquisador e dados (CHARMAZ, 2006).

Partindo do pressuposto de que é na interação entre pesquisador e pesquisado que os dados são produzidos, a entrevista se transforma no lócus da co-construção de um conhecimento negociado e contextualizado. Durante a interação narrativa, pesquisador e pesquisado ensinam e aprendem um com o outro, refletem sobre o assunto explorado, negociam sentidos e tornam aparente toda a complexidade do processo social de interesse (MILLS; BONNER; FRANCIS, 2006). Assim, as narrativas da prática cotidiana dos estrategistas representam importantes fontes de geração de dados, que servirão para a compreensão do estrategizar.

3. AS NARRATIVAS COMO OPÇÃO DE DADO

A perspectiva das narrativas de prática surgiu a partir do trabalho de Daniel Bertaux que se ocupou em desenvolver uma chamada visão etnossociológica do mundo social, em

que as narrativas de vida são como narrativas de práticas sociais situadas. Os relatos de prática permitiriam relacionar, o que é relatado, com as ações em uma determinada situação. Bertaux (1980) propõe o relato de vida, como um instrumento metodológico privilegiado para o estudo de um fragmento – um objeto social – particular de uma dada realidade sócio-histórica, isto é, para compreender como esse objeto social funciona e como se transforma, qual é a configuração das relações sociais, quais são os mecanismos, os processos e as lógicas de ação que o caracterizam (BERTAUX, 1980). O termo “relato de vida” é utilizado quando o interesse da pesquisa não está em toda uma vida, mas apenas em parte dela, que diz respeito a um episódio, atividade ou tema da vida do sujeito. Pesquisas destas naturezas procuram descrever as pessoas como atores historicamente constituídos, cujas histórias são necessárias para representar, de maneira inteligível, suas ações em um determinado contexto, as condições em que elas foram postas em prática, seu significado e seus resultados (CHAMBERLAYNE; BORNAT; WENGRAF, 2000).

As narrativas de prática, como apontado por Bertaux (2005), incorporam diferentes “variáveis” contextuais, na medida em que as pessoas, ao recontar a sua própria história, fazem referência a detalhes que perpassam diferentes níveis de análise. Os narradores se colocam sempre (mais ou menos explicitamente) como personagens imbricados em um determinado contexto sócio-histórico, o que permite ao analista identificar conexões entre diferentes níveis de análise (micro/macro).

O objeto de estudo não é o indivíduo em si que conta seu relato de vida, mas sim o próprio relato é que constitui a matéria-prima para compreender, por meio deste indivíduo, a realidade por ele vivida, bem como as relações sociais nas quais o mesmo se encontra inserido (ICHIKAWA; SANTOS, 2006). É nesse sentido que a análise das narrativas de prática deve estar focada não nas histórias individuais per se, mas no imbricamento dessas histórias em um contexto sócio-histórico mais amplo. CHAMBERLAYNE; SPANO (2000) adotam essa mesma perspectiva ao apontarem as autobiografias como sendo, elas próprias, construções sociais. A vida vivida, bem como a história contada, derivam, fundamentalmente, de interações sociais que envolvem simultaneamente os níveis micro e macro da sociedade.

As narrativas se compõem de duas estruturas concomitantes: a história (ou o que a narrativa mostra), que corresponde à sucessão de eventos, ações e acontecimentos, combinada com os existentes, isto é, personagens, cenários etc; e o discurso (o como a narrativa é mostrada), que se refere à forma como o conteúdo é apresentado (ALVES; BLIKSTEIN, 2006). É na forma como se apresenta a sequencialidade de eventos, estados mentais, cenários, ações e acontecimentos envolvendo pessoas como personagens, que se encontram um dos principais componentes da interpretação de uma narrativa (CZARNIAWSKA, 2004). Personagem (sujeito), ambiente (estrutura) e ação estão, portanto,

imbricados na trama; são inseparáveis no pensamento narrativo. O sentido não está no fim, ele permeia toda a narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

De acordo com CORTAZZI (2001), as narrativas permitem, ainda, o compartilhamento de experiências vividas. Ao contar a sua história, os narradores dão, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, as suas interpretações e explicações acerca das experiências que viveram. Por meio das histórias que contam, eles tecem, em seus próprios termos, um pano de fundo com informações sobre o tempo (quando), o lugar (onde), as pessoas (com quem), as coisas/objetos (com o que), que têm muito a dizer sobre a sua prática cotidiana.

Ainda segundo este autor, dois aspectos fazem as narrativas mais complexas do que podem parecer à primeira vista, portanto, devem ser alvo de atenção e reflexão por parte dos pesquisadores envolvidos com esse tipo de dado. Primeiro, é preciso ter em conta que as narrativas se constroem no momento em que se encontram pesquisador e informante. Envolve não só as interpretações feitas à época do acontecido, mas também aquelas (re)feitas no momento da narração. Segundo, as narrativas podem ser sempre afetadas por aspectos “performáticos” como a dramatização para entreter ou chamar a atenção da audiência, a tentativa de fazer a história parecer melhor do que ela é – desejo de contar uma boa história ou uma história que a audiência gostaria de ouvir, além da necessidade de transmitir/projetar uma imagem julgada socialmente correta ou desejável (CORTAZZI, 2001). Assim, seja para tornar a história mais interessante, digna de atenção, seja em função das limitações de memória, as experiências passadas são – no presente – selecionadas, destacadas, (re)vividas, escondidas, silenciadas, esquecidas, (re)criadas e (re)construídas.

As narrativas pessoais são histórias não apenas sobre um indivíduo ou indivíduos, sobre o espaço social em que eles vivem, sobre a sociedade na qual estão inseridos. São também, histórias acerca da interseção desses três elementos e daí se origina a contribuição que as narrativas têm a dar para as ciências sociais. A partir dessas conexões, que faz ou que reconhece, entre o individual e o social, as narrativas têm se mostrado capazes de contribuir em debates-chave que se arrastam por anos na sociologia em geral e nos estudos organizacionais de maneira mais específica: relação micro e macro, processos de estruturação, estabilidade e mudança social (LASLETT, 1999), e no nosso caso, como ocorre o processo de estrategizar, quais atividades o compõem e o que os praticantes fazem durante esta prática.

4. GROUNDED THEORY E NARRATIVAS PARA OS ESTUDOS DE EPS

A importância das narrativas para o estudo das organizações contemporâneas tem sido amplamente reconhecida na literatura. Boland e Tenkasi (1995), por exemplo,

consideram as narrativas como princípio básico de organização da cognição humana. WEICK (1995), de maneira semelhante, aponta que estórias simplificam o mundo fornecendo um esquema cognitivo para guiar a ação. Para Brown e Duguid (1991), as estórias compartilhadas, ou as narrativas, são a característica fundamental do *modus operandi* das comunidades de prática.

Do ponto de vista empírico, o trabalho de Orr (1996) – *Talk about Machines* – é talvez o marco principal e, certamente um clássico, do uso das narrativas na pesquisa no âmbito das organizações. Barry e Elmes (1997), por sua vez, tratam a estratégia como uma forma de narrativa destacando que esse talvez seja um caminho mais adequado para capturar a complexidade do estrategizar.

Especificamente no que tange à Estratégia como Prática Social, Denis, Langley e Rouleau (2007), propõem a utilização desse tipo específico de estória de vida, centrada na experiência, no trabalho e na trajetória de carreira do sujeito, denominada narrativa de práticas. Por meio de tal narrativa, o entrevistado reúne crenças pessoais, eventos e “senso de si” integrando-os em uma estória mais ampla que revela o que houve de (e o que é) mais importante na sua prática de trabalho. Ademais, as idas e vindas no campo, na direção de um movimento circular de troca com os informantes, não só possibilitam a obtenção de maior variedade de dados, como também, contribuem para o aumento da qualidade das narrativas, na medida em que permitem aprofundar o nível de envolvimento e confiança entre narrador e pesquisador.

O objetivo principal é fazer com que o estrategista (ou, todos aqueles envolvidos no estrategizar) reflita sobre suas experiências diárias na organização, de maneira mais ampla, e nos momentos de mudança estratégica, de maneira específica. Ao narrar a sua própria estória relacionando-a com as atividades práticas de estrategizar, os praticantes fornecem os detalhes necessários para entender este processo naquele contexto particular, possibilitando ao pesquisador começar a identificar a emergência de algumas categorias e suas inter-relações que possam representar o que foi narrado pelo estrategista. A representação não significa a imposição de uma verdade, pois, na *grounded theory*, como destacam Annells (1996) e Goulding (2002) a noção de “verdade” é encarada como um consenso construído, considerando-se as múltiplas possíveis perspectivas de um fenômeno e que prevalece apenas em um tempo e espaço determinado. O que construímos, então, é uma versão, uma interpretação dentre muitas outras possíveis interpretações de uma realidade compartilhada ou individual.

As narrativas de práticas incorporam, ainda, uma perspectiva longitudinal, na medida em que os entrevistados, ao contarem sua estória, articulam uma série de eventos que torna possível reconstruir como a prática da estratégia vem sendo construída ao longo do tempo. Como essa é uma construção social, as narrativas de todos os envolvidos no

estrategizar (de dentro ou de fora da empresa) são analisadas de maneira integrada, o que abre a possibilidade de reconhecer como cada um dos estrategistas se posiciona e se relaciona/interage com os demais colegas de trabalho (DENIS; LANGLEY; ROULEAU, 2007). A partir das narrativas é possível perceber uma trama na qual os aspectos mais “racionais” e “conscientes” estão interligados a entendimentos, intuições, sentimentos, valores, crenças e emoções das pessoas que constituem as organizações. Assim, abre-se um “canal direto” para a vida vivida do narrador, para a realidade por ele experimentada (SCHEYTT; SOIN, 2006). É preciso, portanto, estabelecer uma relação mais próxima com os praticantes para que eles se sintam à vontade em contar suas histórias nos seus próprios termos e compartilhar com o pesquisador as suas experiências pessoais.

Considerando que a construção de sentidos (*sensemaking*) nas organizações depende, em grande medida, da habilidade das pessoas de pensar em termos narrativos, isto é, de, ao mesmo tempo, olhar para trás, retrospectivamente, e para frente, prospectivamente (WEICK, 1995), devemos assumir que as estratégias não constituem algo pronto e acabado, em seu sentido pleno, mas representam um processo contínuo de criação e recriação posto em prática por meio da elaboração, contestação e intercâmbio de narrativas e relacionamentos entre os atores. As narrativas não são meras medidas ou indicadores de uma realidade objetiva, mas são manifestações de realidades organizacionais particulares, que mudam ao longo do tempo dependendo de que ponto de vista e de quem as conta. Daí a importância do ir e vir ao campo em busca de “refinar” cada vez mais as informações junto aos praticantes, com intuito de delinear categorias representativas das atividades estratégicas desenvolvidas por eles no cotidiano da organização.

Contudo, antes de ouvir uma série de histórias sobre um determinado tema em estudo, o pesquisador precisa identificar aqueles indivíduos que possivelmente poderiam fornecer narrativas ricas em conteúdo. Apesar de todos terem uma boa história para contar, nem todos têm a mesma capacidade de apresentar uma narrativa de si – seja por limitações pessoais ou momentâneas, seja por não terem vividos momentos e eventos tidos como críticos/importantes na organização – ao mesmo tempo em que refletem sobre os eventos de caráter organizacional relacionados. A escolha dos indivíduos que Bertaux (2005) chama de “bons narradores” é um dos desafios a serem enfrentados por aqueles que se utilizam dos métodos biográficos para desenvolver suas pesquisas em organizações.

A articulação entre a *grounded theory* e as narrativas de práticas podem oferecer um ponto de partida para a operacionalização de estudos sob a égide da estratégia como prática, já que propicia uma aproximação maior entre pesquisador/pesquisado, além de “dialogar” com o mundo empírico para a formulação de proposições acerca de uma realidade específica, tomando a experiência cotidiana dos praticantes como central para a apreensão do estrategizar.

5. Considerações Finais

Diante das dificuldades que os pesquisadores geralmente têm enfrentado em estudos sobre estratégia como prática, muito disso em função de não haver um debate sistemático acerca dos possíveis caminhos metodológicos para a pesquisa no campo, este trabalho se propôs justamente a apresentar a combinação da *grounded theory* com as narrativas de prática, como uma possibilidade de investigação da EPS. Tendo em vista que uma das premissas básicas da perspectiva da estratégia como prática é tentar apreender o estrategizar através do próprio olhar do estrategista, a *grounded theory* se apresenta como um meio interessante, já que pressupõe a busca de dados a partir das experiências vividas dos praticantes, num processo (de negociação) de ir e vir ao campo, sem assumir a priori qualquer tipo de concepção acerca daquilo que está sendo estudado.

Como complemento “instrumental” enriquecedor, as narrativas de prática são úteis na medida em que propiciam ao informante narrar sua estória na organização, relacionando-a com eventos, situações e momentos que mantêm íntima ligação com o estrategizar. Com isso, o pesquisador terá em mãos um conjunto de elementos que o permitirá apreender e interpretar, o fenômeno em análise, de maneira mais próxima da realidade vivida pelos praticantes, bem como dos sentidos que eles atribuem a determinadas situações e as relações com os outros atores no desenvolvimento da prática estratégica.

Vale lembrar que o nosso objetivo não foi estabelecer esse caminho metodológico como único ou ideal, mas procuramos reunir e combinar alguns elementos que fossem coerentes com a proposta da perspectiva da estratégia como prática social. Neste sentido, ainda há muito que se questionar e discutir sobre as “ferramentas” que o pesquisador precisa considerar ao ir a campo. Contudo, acreditamos também que o enriquecimento dessa discussão, não deve se limitar a considerações teórico-metodológicas (como esta), mas precisamos principalmente ir a campo e refletir sobre os achados e dificuldades, que de fato podem contribuir substancialmente em termos metodológicos, na medida em que os pesquisadores comecem a se deparar com um conjunto de situações que reforcem ou demandem uma (re)avaliação dos caminhos de pesquisa adotados. Afinal de contas, a experiência prática do campo é extremamente útil para construirmos os caminhos para acessá-lo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Mário A.; BLIKSTEIN, Izidoro. Análise da narrativa. In: GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ANNELLS, M. Hermeneutic phenomenology: Philosophical perspectives and current use in nursing research. **Journal of Advanced Nursing**, v. 23, 1996.
- BERTAUX, D. L'approche biographique: Sa validité méthodologique, ses potentialités. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, v. LXIX, Paris, 1980.
- BOLAND, R.J. and TENKASI, R.V. Perspective making and perspective taking in communities of knowing. **Organization Science**. v. 4 n. 6, 1995.
- BARRY, D., & ELMES, M. Strategy retold: Toward a narrative view of strategic discourse. **Academy of Management Review**. V, 22, n. 2, 1997.
- BROWN, J. S. & DUGUID, P. Organizational learning and communities of practice: towards a unified view of working, learning and innovation. **Organization Science**. v.2, 1991.
- CHAMBERLAYNE, P.; SPANO, A. Modernisation as lived experience: contrasting case studies from the Sostris project. In: CHAMBERLAYNE, P.; BORNAT, J. & WENGRAF, T. (eds). **The turn to biographical methods in social science: comparative issues and examples**. London: Routledge, 2000.
- CHAMBERLAYNE, P.; BORNAT, J. & WENGRAF, T. (Eds.). **The Turn to Biographical Methods in Social Science: Comparative Issues and Examples**. London: Routledge, 2000.
- CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis**. London: Sage Publications, 2006.
- CORTAZZI, M. Narrative Analysis in Ethnography, In ATKINSON, P.; COFFEY, A.; DELAMONT, S.; LOFLAND, L.; LOFLAND, J. (eds.). **Handbook of Ethnography**. London: Sage Publications, 2001.
- CZARNIAWSKA, B. **Narrative in social science research**. Sage: London, 2004.
- DENIS, J. L; LANGLEY, A. & ROULEAU, L. Studying Strategizing in Pluralistic Contexts: Rethinking Theoretical Frames. **Human Relation**. v.60, n.1, 2007.
- GHERARDI, S. Practice-based theorizing on learning and knowing in organizations. **Organization**, v.7, n.2, p.329-349, 2000.
- GLASER, B. G., & STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research**. New York: Aldine, 1967.
- GOULDING, C. Grounded theory: the missing methodology on the interpretivist agenda. **Qualitative Market Research**, v.1, n.1, 1998.
- _____. **Grounded Theory: a practical guide for management, business and market researchers**. London: Sage Publications, 2002.
- HENDRY, J. Strategic decision-making, discourse, and strategy as social practice. **Journal of Management Studies**, v.37, n.7, p. 955-977, 2000.
- HENDRY, J.; SEIDL, D. The structure and significance of strategic episodes: social systems theory and the routine practices of strategic change. **Journal of Management Studies**, v.40, n.1, p. 175-196, 2003.
- ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

JARZABKOWSKI, Paula. Strategic practices: an activity theory perspective on continuity and change. **Journal of Management Studies**, v.40, n.1, p.23-55, 2003.

_____. Strategy as practice: recursiveness, adaptation, and practices-in use. **Organization Studies**, v.25, n.4, p.529-560, 2004.

_____. **Strategy as practice: an activity-based approach**. London: Sage Publications, 2005.

JARZABKOWSKI, P.; WILSON, D. C. Top teams and strategy in a UK university. **Journal of Management Studies**, v.39, n.3, p. 357-383, 2002.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, p. 90-113. 2002.

LASLETT, B. Personal Narrative as Sociology. **Contemporary Sociology**, v.28, n.4, p. 391-401, 1999.

MILLS, J.; BONNER, A. & FRANCIS, K. Adopting a constructivist approach to grounded theory: implications for research design. **International Journal of Nursing Practice**, v.12, n.8, p. 8-13, 2006.

ORR, J. E. **Talking About Machines: An Ethnography of a Modern Job**. Ithica, NY: Cornell University Press, 1996.

ROULEAU, L. Micro-practices of strategic sensemaking and sensigiving: how middle managers interpret and sell strategic change every day. **Journal of Management Studies**, v.42, n.7, 2005.

SAMRA-FREDERICKS, D. Strategic practice, "discourse" and the everyday interactional constitution of power effects. **Organization**, v.12, n.6, p.803-841, 2005.

SCHEYTT, T. & SOIN, K. Making the case for narrative methods in cross-cultural organizational research. **Organizational Research Methods**. v.9, n.1, 2006.

SUDDABY, R. From the editors: what grounded theory is not. **Academy of Management Journal**. v.49, n.4, 2006.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

WHITTINGTON, R. Strategy as practice. **Long Range Planning**, v. 29, p.731-735, 1996.

_____. Practice perspectives on strategy: unifying and developing a field. **Academy of Management Conference Proceedings**, Denver, August, 2002.

_____. The work of strategizing and organizing: For a practice perspective. **Strategic Organization**, v.1, n.1, 2003.

_____. Strategy after modernism: recovering practices. **European Management Review**, v.1, n.1, p.62-68, 2004.

Leonardo Lemos da Silveira Santos

Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV) e Professor da Faculdade de Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).